



1915 — Da esquerda para a direita, de avental: Artur Neiva, Carlos Chagas, Oswaldo Cruz e Adolfo Lutz. Atrás, a diretoria do CAOC e alunos da FMUSP.

“Éramos todos ouvidos, quando ele começou a falar.

Tudo ia correndo muito bem, eis que, de repente, percebi algo de estranho no ambiente, algo assim como uma leve agitação.

Olhei para a frente e notei que um aluno arrastava levemente o pé esquerdo no assoalho, produzindo um ruído que se ouvia muito bem no lugar onde eu me encontrava.(...)

Outros pés começaram então a arrastar-se, aqui e ali, produzindo o mesmo ruído.

O professor continuou falando, até que os pés já não mais se arrastavam, mas batiam no chão secundados pelas mãos que também batiam em cima das carteiras.

Uma barulheira dos diabos, uma legítima...” (Jayme Candalaria — Presidente do CAOC em 1914).

Dos 180 alunos matriculados em 1913, mantêm-se 70 na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo até o fim do ano 1918, em o ano por faltas e 52 suspensos por indisciplina. Em 1918, apenas 27

alunos concluem o curso. Entre aqueles que abandonam a nossa faculdade, Waldomiro Guilherme de Campos, o fundador e primeiro presidente do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”. Eram os resultados da primeira briga acadêmica.

O dia 14 de setembro de 1913 marca a fundação do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” Na 1ª quinzena de julho realizam-se as eleições no Salão do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Elegem-se Waldomiro Guilherme de Campos no cargo de presidente. Arthur Costa Filho vice-presidente; Synésio Rocha — orador, Odete Santos Nara, Danton Vampré e outros nos demais cargos. A primeira sede do Centro foi instalada na Escola de Comércio “Alvares Penteado” que, juntamente com a Escola Politécnica, foi um dos locais iniciais e provisórios das Faculdades de Medicina.

A gestão da primeira diretoria encerrou-se com a disputa entre os acadêmicos e o Prof. Edmundo Xavier, que ministrava aulas de química. A alteração deveu-se à insatisfação dos alunos frente aos exames de Química Orgânica.

Publicam-se os resultados da primeira prova parcial: quase todos reprovados com baixíssimas notas. Os alunos revoltam-se. O professor é vaiado em plena aula por três vezes. Em consequência, muitos foram suspensos por prazo indeterminado. O caso assumiu tais proporções que chegou a merecer um parecer jurídico de Ruy Barbosa e quase alcançou o Supremo Tribunal Federal.

Após estes incidentes, a presidência do Centro foi ocupado por Jayme Candalaria, por sua vez substituído por Ernesto de Souza Campos que teve uma longa gestão.

Agora, setenta anos depois, lembramos com saudade destes primeiros tempos de vida do CAOC, no entanto, a melhor síntese de seus ideais ainda revela-se na simplicidade das palavras de seu primeiro presidente ao ser interrogado pelo “O Bisturi”, em 1948, sobre as finalidades do programa inicial do Centro:

— Tínhamos o intuito de promover reuniões literárias, recreativas e, principalmente contribuíamos as nossas reuniões para congregar os estudantes no sentido de defesa e conquistas dos interesses e idéias comuns” (Waldomiro Campos).

Sumário

Editorial	pág. 02
Ensino Médico ..	pág. 03
Opinião	pág. 04
Vivência	pág. 05
Fala, Leitor	pág. 06
Saúde Mental ..	pág. 07
Especial prof. Sato	pág. 08



A questão do currículo

Leia na **pág. 3** os comentários do diretor da escola e do nosso jornal. Também o Editorial na **pág. 2**.

Saúde mental

Informes e conclusões do I Encontro de Estudantes Interessados em Saúde Mental na **pág 7**.

Editorial itorialEd itorialEdit itorialEditor itorialE

Neste número d'O Bisturi além dos artigos elaborados pelos alunos temos, um artigo escrito pelo Dr. Raul Marino do departamento de Neuropsiquiatria do HC, pelo Professor Dr. Silvano Raia, Diretor da Faculdade, além de outro de nossos colegas do CAAVC. Isto vem de encontro com a nossa perspectiva de tornar o nosso jornal um órgão dinâmico com espaço aberto à toda comunidade da Faculdade e do HC. Esperamos no nosso próximo número contar também com a contribuição dos médicos, residentes e funcionários, seja através de suas associações, seja por contribuições individuais.

A reformulação do nosso currículo entra agora numa fase de concretização das propostas. Após o fórum realizado pelo CAOC em que a proposta divisão da faculdade foi rejeitada pela unanimidade dos

alunos presentes, a Congregação da FMUSP em reunião extraordinária no dia 1.º de julho aprovou as resoluções do nosso Fórum e criou comissões compostas de professores da medicina, do ICB, representantes discentes e alguns convidados especiais. Estas comissões elaboraram os relatórios que deram origem a uma nova proposta de currículo.

Esta proposta, parece num primeiro momento corresponder aos principais anseios manifestados pelos alunos no Fórum, como o ensino nas enfermarias e ambulatórios gerais, a maior integração básico-clínico e etc. (ver encartes, do Fórum do CAOC e da nova proposta curricular)

Porém é importante batermos novamente numa tecla, que é a questão do poder dentro do curso de

graduação. Não há proposta de currículo, por mais avançada que ela seja que resista, a atual estrutura da faculdade onde os créditos-aula são objeto de disputa entre os professores titulares e onde os departamentos fecham-se em copas a qualquer interferência.

E vital a criação de um organismo, colegiado de curso, ou conselho inter-departamental, o nome não importa, que seja responsável pela coordenação do curso de graduação mantendo-lhe um caráter homogêneo e evitando possíveis distorções. Isso será o que nós da diretoria pretendemos defender no 2º Fórum sobre reforma curricular a se realizar no próximo dia 11 de outubro no qual a importância do comparecimento de todos não precisa ser lembrada.

É com alegria que saudamos o Congresso Nacional pela derrubada do decreto-lei 2024 no último dia 21, marcando uma nova fase na política brasileira, onde não há mais espaço para se governar através do arbítrio dos decursos de prazo. Esperamos que o Legislativo derrote também outras medidas anti-nacionais como o decreto-lei 2045, que retome o seu papel de representação do povo brasileiro e que caminhe decididamente rumo as eleições diretas para Presidente da República e pela Associação Nacional Constituinte.

Diretoria do CAOC



Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

REDAÇÃO
Av. Dr. Arnaldo, 455 - Sub-Solo Tel.: 852-2922

COMISSÃO EDITORIAL:
Denis Murahovschi
Mauricio S. Garrote
Sílvia M. B. Nigro
Simone A. Lotufo
Sueley Feijó Brovini
Wagner Felipe Weidebach
Wálter Cintra Ferreira Jr.

DIRETORIA DO CAOC
Presidente: Walter Cintra Ferreira Junior
1º Vice: Cláudio M.P. Henriques
2º Vice: Marcelo Silber
3º Vice: Cláudia Caratim de Lima
1º Secretário: Sueley F. Brovini
2º Secretário: Mauricio Garrote
1º Tesoureiro: Simone A. Lotufo
2º Tesoureiro: Sílvia M.B. Nigro

DESENHISTA:
Oswaldo Hideo Hasegawa
Os artigos publicados neste jornal são da inteira responsabilidade daqueles que os assinam e os conceitos nele emitidos nem sempre coincidem com os da sua direção.

Estas páginas estão abertas aos alunos e professores da FMUSP, obedecendo as tradicionais regras da ética acadêmica.

Os artigos deverão ser entregues na Secretaria do CAOC, dentro do prazo a ser divulgado e preferencialmente datilografados.

Não devolvemos originais, publicados ou não.

Os artigos que eventualmente não foram publicados nesta edição por limitação de espaço o serão oportunamente.

Composição, Montagem, Fitolito e Impressão:
Cia. Editora Quês - Rua Arthur de Azevedo, 1977
- Tel.: 212-8061 - São Paulo.

O Bisturi

Mora além-povoado. É uma pequena casa, onde vive um grande amor. Amor pelos pássaros; pelo dia que nasce, pelas águas claras do ribeirão. Amor pelo seu trabalho. João do Norte, pescador, ensina: amar é respeitar a paisagem que o cerca, os peixes que o alimentam, a terra que o abraça. E quando perguntam qual o seu grau de instrução, ele logo responde com um sorriso bonachão: "Doutor em natureza"

Respeitar a natureza é preservar a qualidade de vida.

Gente.
O maior
Valor
da Vida.



Nestlé

Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares

Reforma do currículo de graduação

Cumprindo o cronograma pré-fixado para a discussão sobre o ensino de graduação em nossa Faculdade, este número do O Bisturi inclui um encarte com o ante-projeto da reestruturação curricular.

A importância desta reforma justifica lembrar as etapas fundamentais já cumpridas bem como as programadas para a sua conclusão. Já na plataforma com que me apresentei candidato à lista sêxtupla para escolha do Diretor da Faculdade, destaquei como prioritária a reestruturação do Curso de Graduação. Naquela ocasião, salientei que o problema exige uma solução abrangente que inclua uma definição precisa do tipo de médico que se deseja formar, uma adequação física dos locais para o novo tipo de ensino no Instituto Central e no Prédio dos Ambulatórios do Hospital das Clínicas e a inclusão do Hospital Geral Universitário (HGU) no complexo didático da Faculdade. Além disso, enfatizei a necessidade de promover um melhor entrosamento entre o corpo docente da Faculdade de Medicina e com o das outras unidades que participam do Curso Médico por meio da criação de um Colegiado de Curso, aliás requisito exigido pela legislação universitária (Art. 152 do Regimento Geral da USP).

Todas essas tarefas, algumas em execução, devem ser realizadas simultaneamente ao desenvolvimento de uma atmosfera de respeito e confiança entre o corpo docente e o corpo discente capaz de permitir, entre outros objetivos, a participação dos alunos num sistema efetivo de controle de qualidade curricular. Para que este controle possa ser adequadamente exercido é necessário que o espírito reivindicador sistematicamente seja gradativamente substituído por um espírito colaborador capaz de progressivamente aprimorar o projeto na medida de sua execução.

A Diretoria da Faculdade conferiu tal importância a essa transformação e ao sistema de controle curricular que decidiu observar in loco uma instituição onde tais procedimentos adquirem reconhecida grande expressão. Assim, visitou a Faculdade de Medicina da Universidade Ben Gurion em Beer Sheva, Israel. A

observação dos resultados obtidos nesse centro ímpar de ensino médico confirmaram a importância do controle curricular e do Colegiado de Curso, estimulando que o primeiro fórum de debates com o corpo discente sobre a Reforma Curricular focalizasse apenas este aspecto da questão.

A seguir, constituiu-se um grupo de trabalho para estudar a reestruturação do ensino de graduação com membros de todas as unidades envolvidas tendo como núcleo a força-tarefa da Comissão de Graduação da Faculdade.

Nomeou-se uma Comissão de Planejamento e Controle do HC, presidida pelo Diretor da Faculdade, atribuindo-se-lhe a tarefa de destinar a área vacante do 9º andar do Instituto Central para a criação de uma enfermaria geral com aproximadamente 130 leitos. Além disso, a Comissão foi incumbida de estudar uma redistribuição de áreas no Prédio dos Ambulatórios capaz de liberar espaço adequado e suficiente para instalação do Ambulatório Geral Didático.

O Grupo de Reestruturação Curricular redigiu um pré-ante-projeto contendo princípios básicos e alternativas gerais para discussão inicial (números e currículos e número de alunos). Além disso, elementos do corpo docente redigiram relatórios gerais sobre a questão.

A seguir, o corpo discente, em amplo fórum de debates, discutiu estes princípios básicos e linhas gerais. Grupos de alunos definiram, com um relator, o posicionamento do corpo discente, dele resultando um relatório adicional.

A Diretoria da ADUSP patrocinou uma reunião entre a Diretoria da Faculdade de Medicina, o Presidente da Comissão de Graduação, o Diretor do ICB, e seu representante no Conselho Universitário, com o corpo clínico do HGU para debater as perspectivas futuras daquela instituição.

Foi convocada uma sessão extraordinária da Congregação da Faculdade para o dia 1º de julho, ocasião em que foram aprovados por unanimidade os princípios básicos sugeridos pelo Grupo de Reestrutura-

ção e pelo corpo discente bem como cinco propostas apresentadas pela Diretoria e referente às alternativas básicas já citadas.

Finalmente, constituíram-se nove sub-grupos de trabalho integrados por docentes das quatro unidades relacionadas com o curso médico, representantes discentes e convidados especiais para executar as tarefas capazes de operacionalizar as alternativas gerais já aprovadas pela Congregação.

O resultado de todo esse trabalho constitui o **ante-projeto** hoje distribuído em encarte. Como etapas subsequentes, estão programadas discussões desse documento com membros de todos os Conselhos de Departamento da Faculdade, com o corpo discente (em fórum previsto para o dia 11 de outubro) e, finalmente, em outra sessão especial da Congregação (dia 21 de outubro).

Destas amplas consultas e discussões deverá surgir o projeto que, uma vez aprovado também pela Congregação das demais unidades envolvidas, servirá de base para o detalhamento do novo currículo, para o aproveitamento do HGU e para a reforma do Instituto Central do H.C.

Percebe-se assim, que a Reforma Curricular foi programada de maneira a se beneficiar da colaboração de todos os componentes da Faculdade de Medicina e demais unidades envolvidas. Seu êxito, portanto, dependerá da responsabilidade, dedicação e isenção de espírito com que cada Unidade, cada setor e cada membro executar a parcela que lhe cabe nesta grande tarefa.

Acredito que já ocorreram fatos suficientes para justificar o renascimento de fé e esperança no que diz respeito à solução deste importante aspecto da nossa vida acadêmica, com as quais seguramente atingiremos o nosso objetivo comum.

Prof. Dr. Silvano Raia
Diretor da FMUSP.

Mudança curricular na FMUSP: em que pé estão as coisas

Na metade de junho, realizamos um Fórum, que contou com grande participação dos alunos e possibilitou que deixássemos bastante claras as opiniões do corpo discente da FMUSP sobre a proposta de mudança de currículo, tanto no que diz respeito às transformações que consideramos indispensáveis no conteúdo, forma e orientação do curso, como em relação à divisão da escola.

A partir desses debates, foi elaborado um relatório, que foi apresentado à Comissão de Ensino pelos próprios relatores de nossos grupos de discussão e pela diretoria do CAOC.

Foi realizada a seguir uma reunião da Congregação da FMUSP, que rejeitou a proposta de divisão da escola ou do currículo. Nessa reunião foi aprovado o documento de orientação para a mudança curricular, em que estavam incluídos todos os pontos levantados pelos alunos. Esse documento deveria servir como base ao trabalho da Comissão de Mudança Curricular, que tinha 60 dias de prazo para apresentar nova proposta.

Durante as férias, essa Comissão foi dividida em uma série de sub-grupos, que contavam também com a participação de elementos convidados e de alunos, encarregados de aprofundar e sistematizar a discussão sobre diversos aspectos da nova proposta a ser apresentada (ex: integração básico-clínico, ensino ambulatorial, enfermaria geral, etc).

O funcionamento das comissões foi irregular, mas ao final do prazo previsto foi elaborada, a partir do resultado do trabalho dos sub-grupos, um novo anti-projeto curricular. (Essa proposta vem como encarte especial de "O BISTURI" para que seja do conhecimento amplo dos alunos e possa ser adequadamente discutida).

Como vamos interferir na atual etapa do processo de mudança de currículo? Está sendo organizado para outubro um novo FORUM, semelhante ao anterior, para que o conjunto dos alunos possa manifestar sua opinião sobre a nova proposta.

É exatamente no sentido de nos prepararmos para esse novo palco de debates, que estamos lançando o encarte e este artigo.

A priori, temos a dizer que, no geral, a proposta atual é positiva, incorporando

praticamente todas as reivindicações dos alunos, embora haja questões a serem esclarecidas, acertadas e todo o trabalho de detalhamento pela frente.

Mas há uma questão fundamental que é abordada de modo incorreto no documento e que se não for resolvida compromete todo o resto: é o problema da **definição do conteúdo dos cursos**. No documento esse problema é abordado superficialmente e é dito que essa seria uma atribuição dos próprios departamentos.

Ora, todos sabemos que é exatamente nessa estrutura de departamentos estanques, organizados como pequenos feudos ultra-especializados, que reside a origem de grande parte dos problemas fundamentais do curso de medicina e até da Residência Médica no HC.

Não existe intercâmbio entre os departamentos. Isso gera duplicação (multiplicação) de recursos e esforços para atingir objetivos semelhantes, dificulta o aprendizado na escola e no hospital e até mesmo prejudica os pacientes. A divisão da carga horária na elaboração das grades de todos os currículos anteriores desta escola foi transformada em praça de guerra: a conquista de cada minuto representa mais uma fatia de poder, mais assistentes contratados, etc. Um departamento só se sente prestigiado, por mais especializado ou específico que seja, se consegue introduzir sua disciplina no curso de graduação.

É exatamente essa concepção que gera problemas graves no currículo: no curso básico as disciplinas são muitas vezes ministradas perdendo de vista sua aplicação concreta na formação de um médico geral; no curso clínico, mais grave ainda, a formação geral é reduzida a uma colcha de retalhos das várias especialidades (no 3º e 4º anos).

O que seria correto? O objetivo da escola é formar um médico generalista que, ao final dos 6 anos, esteja apto para atuar na rede básica de saúde e também para prosseguir em sua especialização.

Deve ser determinada, a partir da especificação desse objetivo, em cada etapa, qual a **contribuição de cada disciplina na formação geral**. Essa definição, em cada etapa do curso



Forum da FMUSP

(básico, clínico, internato) deve ser atribuição de um **organismo supra-departamental**, que conte com participação discente e que tenha **autoridade** para fazer levar à prática suas definições.

Isso deve estar acoplado a mecanismos de controle do conteúdo e da qualidade dos cursos, que também precisam ser definidos.

Sem garantir que a determinação do conteúdo dos cursos seja feita desse modo, corremos o sério risco de transformar apenas a **forma** do currículo e de, no final das contas, serem reeditados todos os erros e vícios do conteúdo do atual currículo (e que vem se perpetuando há anos, desde o curso Tradicional de medicina).

Essa é, sem dúvida, uma questão delicada, que mexe com a estrutura de poder da FMUSP,

mas precisa ser enfrentada. Sem que haja a **democratização** do poder de definição do conteúdo dos cursos, não será possível progredir nessa mudança curricular.

Os cursos e as disciplinas não são problemas que dizem respeito apenas aos respectivos departamentos. São, isso sim, problemas de **todos os alunos e de toda a escola**, que deve estar mobilizada e preocupada em garantir a **formação geral de boa qualidade**. É para conseguir garantir a qualidade e o conteúdo da formação que essas barreiras tem que ser quebradas!

Esse é, em nossa opinião, o principal problema a ser enfrentado nesse processo de mudança curricular e é para isso que devemos nos preparar.

Negociação entre todos os setores sociais é que garantirá a saída democrática para a crise

As eleições de 15 de novembro modificaram o cenário político do país, com a passagem de 10 estados para as mãos oposições, entre eles os mais importantes economicamente, e com a derrota eleitoral do governo, perdendo sua maioria no Congresso.

Se é verdade que a "Abertura" avançou com a realização das últimas eleições, também é verdade, que a crise econômica, a mais grave que até hoje afetou a Nação, vem tensionar a sua evolução.

Por um lado temos o governo, derrotado nas urnas, e com suas bases sociais de apoio diminuídas e divididas, (vide as últimas convenções do PDS), sendo pressionado pelas organizações financeiras internacionais a aplicar medidas econômicas cada vez mais, contrárias aos interesses nacionais e da classe trabalhadora, avitando os seus salários e a sua condição de vida.

Dentro desse quadro vemos o governo sendo obrigado a buscar alianças com outros segmentos, como é o caso do acordo PTB-PDS, na tentativa de garantir sua hegemonia política, porém a agudização da crise dificulta estas eleições. O rompimento do acordo PTB-PDS por causa do Decreto lei 2045 é significativo desta situação.

Por outro lado, o bloco das oposições que, respeitando-se as variantes, está dividida em 2 concepções contrárias:

A primeira que aposta no confronto entre oposição e governo, que abrange desde setores da ultra esquerda que acreditam ser o momento da revolução do proletariado, como é o caso dos adeptos do semanário Tribuna da Luta Operária, passa pelo P.T., que com sua obsessão pela greve geral fez com que a classe trabalhadora perdesse 4

dos seus mais importantes sindicatos, e chega até o Sr. Teotônio Vilela que se nega a qualquer tipo de entendimento com o governo.

Os defensores desta concepção, não têm a clareza política para ver que mesmo com os reveses que vem sofrendo, o governo, ainda é o lado mais forte da corda num confronto, e abrem espaço para um retrocesso político.

Na segunda, temos a tese da negociação que também possui vários enfoques segundo os vários interlocutores. Para alguns se revela num adesismo puro e simples, para outros trata-se de um pacto de elites deixando à margem a maioria do povo brasileiro e seus interesses.

Há ainda, o enfoque que entendemos correto, que é aquele apresentado pelos deputados federais, Alberto Goldeman (PMDB-SP) e Roberto Freire (PMDB-PE), através de um documento distribuído no Congresso Nacional na última quinzena de junho defendendo a um amplo entendimento nacional contra a crise, capaz de reunir em torno de um programa mínimo o governo e a oposição, os partidos, os sindicatos de trabalhadores, as entidades empresariais, a Igreja, a OAB, a ABI e demais associações representativas da sociedade civil.

Compreendendo que o entendimento nacional contra a crise, ao contrário de significar o abandono da luta pelas eleições diretas para Presidente da República e pela Constituinte; será isso sim, um reforço a esta luta, os deputados apresentam 6 pontos para o entendimento:

"1 — Rompimento com as condições impostas pelo FMI para o pagamento da dívida externa, com declaração de moratória seguida de rediscussão das condições.

2 — Desatrelamento de dívida pública de correção cambial, com o ataque à especulação financeira e substancial redução das taxas de juros

3 — Defesa do poder aquisitivo dos assalariados em particular dos que ganham até 5 salários mínimos.

4 — Reaquecimento da economia com bases nas atividades de maior alcance social e geradoras de empregos, como por exemplo a agricultura e a construção civil.

5 — Estímulos a pequena e média empresa.

6 — Reforma tributária para fortalecimento de Estados e Municípios e para redistribuição social da renda"

Independente das nossas vontades a conjuntura coloca, hoje, na orde do dia, a negociação e a articulação política para apontar uma saída para a crise, ou inclusive, ainda que de possibilidade remota, para criar um leque de forças que respaldem um golpe.

É importante que os trabalhadores, o povo brasileiro organizados nos partidos, nas suas entidades representativas, participem desta negociação garantindo a defesa de seus direitos e interesses e a superação da crise.

É importante ressaltar que o Brasil só atingirá o desenvolvimento econômico e social em um regime plenamente democrático. Isso implica no fim da legislação de exceção, na volta das prerrogativas do Parlamento, em eleições diretas em todos os níveis e na Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana.

Walter 4º B

Chega de farsa, por um movimento estudantil de verdade

Neste segundo semestre em que se realizarão as eleições para muitas entidades estudantis, inclusive o DCE da USP, UEE e UNE, nos deparamos com um movimento estudantil atravessando uma grave crise.

Salvo raras exceções os Centros e Diretórios Acadêmicos estão abandonados pela maioria dos estudantes, com diretorias que não representam nada nem a ninguém, exceto pela tendência política de alguns dos seus membros.

Mas se alguns poucos diretórios e C.As. ainda conseguem escapar ao atrelamento das tendências e correntes estudantis, as entidades gerais como as UEEs e a UNE já

não têm a mesma sorte e não é por coincidência, que a crise de representatividade que passa o movimento nestas entidades mostra sua face mais aguda. Qual estudante hoje, reconhece na UEE e na UNE legitimidade para falar em seu nome?

O problema não se encontra na existência de tendências e correntes políticas, mas no fato que elas não estão referenciadas no conjunto dos estudantes e utilizarem-se destas entidades como instrumento de divulgação de seus programas políticos e para seus interesses próprios. Isso causa o afastamento do estudantes e acaba por impedir que se organizem.

A DCE da USP alguns acertos e tropeços

Com exemplo de entidade geral que começa a dar passos em uma boa direção temos o nosso DCE, que no ano passado, nas mãos da tendência Liberdade e Luta, apresentava um discurso radical e uma prática, que afinal de contas, era contrária aos interesses dos alunos da USP. Apesar das adversidades como a falta de uma sede própria, de recursos materiais e de uma grande dívida deixada pelas gestões anteriores, a gestão "Democracia já" abandonando a política de invasões de refeitório e moradia, das propostas de greve geral decididas por meia dúzia de iluminados em nome de todos os estudantes da USP, conseguiu, no decorrer deste ano, implementar uma nova dinâmica ao DCE. Além do importante trabalho realizado pelo Departamento Cultural como o trote unificado (BICHUSP), o show do DCE, o debate sobre a Nicarágua, o curso de férias de computação, Cineclube do DCE, a 1ª Mostra de Arte, etc; muito mais importante foi o espaço de diálogo e negociação, criados pela diretoria, junto à reitoria, a COEAS e mesmo junto o Governo Estadual, no sentido de se buscar soluções conjuntas para os problemas da Universidade, como o restaurante, o CRUSP, a problemática da falta de verbas, etc. Outro fato de grande importância, senão o mais importante, conduzido pelo DCE é a luta pela democratização da Universidade dentro dos palcos da própria universidade através da organização da representação discente nos órgãos colegiados, no caso o Conselho Universitário. Graças a atuação

nestes palcos, hoje é possível obter o apoio de setores da comunidade universitária, como é o caso da própria reitoria, para a luta pela ampliação de representação estudantil de 1/10 para 1/5 e fim dos pré requisitos para esta representação.

No entanto alguns obstáculos levaram esta diretoria a sofrer alguns tropeços importantes. O DCE não conseguiu funcionar como uma entidade federativa dos Centros Acadêmicos da USP e acabou sendo totalmente independente destes últimos. O DCE não deve ser um órgão centralizador e sim um referencial político para os centros da USP, procurando orientar a organização dos estudantes e a troca de experiência entre eles.

O racha nas diretorias da UEE-SP e UNE

Este espírito deve nortear também as entidades gerais como a UEE e a UNE.

É como alento que tomamos conhecimento, através de uma reportagem da Folha de São Paulo do dia 16/09, o racha político dentro da UNE através da crítica, por parte de sua diretoria, à "partidarização que vem sofrendo a entidade.

Esta autocritica, que deve ser feita também por membros da diretoria da UEE-SP faz parte de um "movimento" do qual participamos e que norteará a nossa atuação nos congressos destas entidades, em outubro com o objetivo de tirar o movimento estudantil desta triste situação que se encontra, torná-lo real, longe da partidarização das tendências e trazê-lo de volta a quem de direito: os estudantes brasileiros.

Walter 4º B

Acreditem ou Medicina vive a F cursos aqui: Fisioter logia, Medicina e ' nal. Historicamente Fisioterapia, Fonoa pia Ocupacional e Hospital das Clínica reforma Universitári a USP através do Médica.

Pois bem, esse referidos cursos, é quase metade das di médico. Desta form inviável a condução responsabilidades e, declarou que não Fisioterapia, a For Terapia Ocupaciona referentes a esses 3 prática se traduz em, falta de verbas e vag res. Isso sem contar Conselho Departam decidir sobre áreas alheias às especialida que nesse Conselho nais fisioterapeutas, ou terapeutas ocupac

A questão é que, c mãe de toda a estru

Vivê

Carta

A criação de um novo departamento na FMUSP

Acreditem ou não nem só de medicina vive a FMUSP. Somos 4 cursos aqui: Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina e Terapia Ocupacional. Historicamente, os Cursos de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional eram dados pelo Hospital das Clínicas, e, em 68, como forma Universitária, viemos integrar USP através do Depto de Clínica Médica.

Pois bem, esse Depto além dos cursos, é responsável por quase metade das disciplinas do curso médico. Desta forma, só pode ser viável a condução de todas as suas responsabilidades e, com isso, o Depto declarou que não mais assumiria a Fisioterapia, a Fonoaudiologia e a Terapia Ocupacional e os problemas referentes a esses 3 Cursos que, na prática se traduzem, por exemplo por falta de vagas para professores. Isso sem contar a incapacidade do Conselho Departamental de opinar e decidir sobre áreas tão específicas e delicadas às especialidades médicas, visto que nesse Conselho não há profissionais fisioterapeutas, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais.

A questão é que, o Depto é a célula-mãe de toda a estrutura da Universi-

dade; com isso, para a Reitoria não há Unidades ou Cursos, mas Deptos que tem então, verbas próprias, estrutura administrativa, corpo docente próprio com possibilidade de ascensão à carreira universitária o que proporciona o espaço para a criação de uma Unidade a partir daí.

Para conseguir a tão sonhada Unidade de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, precisamos desta célula-mãe e de todas as estruturas que possibilitem e garantam nosso reconhecimento perante a Universidade.

Agora vejam a incoerência: a FMUSP acha que temos que ter uma Unidade mas ao mesmo tempo não nos proporciona condições para tanto (criação de um Departamento).

Por que não um Depto então?

Culpa-se a atual insegurança de todos os profissionais de Saúde que estão muito preocupados com a delimitação de suas funções querendo a todo custo, segurar a maior parte do que julgam ser de seu domínio e manter as correias de um sobre o outro.

Culpa-se esse desejo (ou necessidade?) de onipotência de conhecimento

e hierarquização de profissionais (relação de superior a inferior) que descaracteriza a filosofia de equipe multiprofissional, onde cada um sabe de suas potencialidades e limitações, sem partir para tentar anular o trabalho dos outros, em detrimento da qualidade de atendimento e respeito ao paciente que merecia, ao menos, ser encarado na sua integridade sem o esfacelamento de sua pessoa.

Culpa-se o sistema de poder, esquecendo-se que o sistema só existe porque ele existe em cada um de nós, nas relações do dia-a-dia.

Temos um problema concreto e um objetivo concreto mas a questão é que o nosso inimigo não é concreto.

Por isso, nossa luta é difícil. De repente não é o indivíduo que detém o poder que entrava o nosso trabalho: são essas coisas como a insegurança e o preconceito que transcendem o indivíduo mas que ao mesmo tempo são reforçadas por ele. São essas coisas que estão por aí aparentemente dispersas, mas com certeza, sempre presentes.

CAAVC

O que está acontecendo conosco? -II-

Em 1925, Einstein disse: "Não sei até quando o mundo poderá dar ao luxo de queimar os cérebros dos estudantes nas Universidades". É surpreendente como essa verdade, ainda hoje, bate à porta de nossas classes, de nossas bibliotecas, quando nos percebemos estudando, gastando nossa energia sobre memorização de regras e classificações, coisas que sem mostram distantes de nos acrescentar técnica, ciência ou ainda menos, cultura.

O ensino na nossa faculdade hoje se resume em aulas técnicas, instrumentos mais da promoção e da realização dos professores do que da transmissão de conhecimentos. O professor, do alto de sua pilha de conhecimentos, pesquisas, ou mesmo leitura de textos, dita aos alunos regras prontas do que fazer e como proceder, sublinhando uma técnica desprovida de qualquer reflexão, qualquer crítica.

O contato do estudante com a realidade vai diminuindo, sendo roubado a cada ascensão meramente formal pela qual passa. Passamos de ano, resolvemos matérias, fazemos provas; cumprimos o papel meramente teatral de alguém que parece estar virando médico. Tudo isso a custa de elementos de nossa vida que vamos vendo, aos poucos, amputados, nosso lazer, nossa sensibilidade, nossa liberdade de criação, nossas possibilidades de relacionamento.

Percebemos que a repressão, nessa época de abertura, já não passa tanto pela força da política ou pelo terror da morte, mas passa sim pela força que sela nossos lábios antes que possamos questionar, força essa representada por vezes pelos nossos próprios colegas, que, sistematicamente, compactivam com esse silêncio que nós é imposto. Não importa as estruturas deficientes dos cursos, não importa o professor autoritário ou os métodos terroristas usados para nos fazer estudar, não importa o esquema ginásio que nos é imposto; por pior que seja a regra a que temos que nos submeter, o aluno de medicina vai por tudo passando, vai tudo engolindo... e de boca cheia continua conseguindo falar: "Sim! Mais! Mais!"

Não entanto, por mais que se negue a reconhecer a realidade mutilante dessa estrutura não educacional, o estudante não escapa de seus efeitos. Silêncio nos corredores, nas salas de aulas, nos banheiros, nos restaurantes. Entramos na sala de aula e nos sentamos ao lado de pessoas que não existem; não se escutam, não queremos falar com elas. Somos colegas. Olhamos para frente e esperamos a luz apagar, para na penumbra do primeiro slide começarmos a ruminar a informação rápida e bordá-la minuciosamente no caderno, esse símbolo do conhecimento científico. Emudecidos por estes silêncios que é o discurso de nossos professores, esperamos a próxima aula ou o próximo curso, que talvez seja melhor. Ou o próximo professor, que talvez, liberal, diga até qual o seu nome, ou mesmo não traga slides.

Como a cabeça achatada pela imposição de não-formação vinda de cima, cerramos os dentes num risco social, e quando percebemos que dia a dia, cada vez falamos menos, com menos pessoas, por enquanto ainda ocorre a pergunta: "O que está acontecendo conosco?"

Vivência Vivência Vivência Vivência Vivência

Carta de amor para uma moça de 71 anos de idade

O nome dela é confuso logo que a conhecemos: FIMUP, FMUSK, FIMUSP, FMU...

Ela tem o aspecto meio austero e impressiona com seu ar aristocrático.

É polêmica pois quem tem contato com ela ama-a profundamente e quem não a conhece direito ou não foi dono de seu amor, a odeia e inveja os que estão no seu seio... Assim é ela.

Um moço de 71 anos de idade que dia a dia se renova, que passou por crises, resistiu a tudo e a todos e viu a humanidade se transformar.

Muitos de seus filhos já partiram e até a esqueceram mas assim mesmo a cada ano que passa, acolhe cento e tantos outros.

Se depois de 6 anos eles ainda serão dignos da mãe que tiveram, depende de cada um...

Muitas vezes eu me perguntei, quando era calouro, o que levava um sujeito a ficar horas numa reunião de Diretoria, perder o horário do almoço pra treinar ou dormir na aula no dia seguinte por causa do ensaio do dia anterior. Me perguntava ainda se valia o esforço de muitas vezes passar horas (que podia estar estudando ou fazendo uma coisa mais útil pra mim mesmo) numa atividade pra classe ou para

escola, muitas vezes meramente braçal, chata.

É comum quando se é calouro não se sentir parte da escola por motivos diversos, mas é muito importante se ter sempre na cabeça que um cara no 1º ou 2º ano tem o mesmo potencial de trabalho de um cara no 5º ou 6º sendo que o calouro tem muito mais tempo disponível. É preciso aprender a amar a FMUSP, não na lista do vestibular, mas a cada assembleia, reunião, competição, ensaio do show, etc.

Acho que a pior sensação que algum de nós pode ter é chegar ao fim do 6º ano e descobrir que foi um b. inespecífico.

É óbvio que a Escola não é o paraíso e qualquer atividade que façamos encontraremos ao nosso lado pessoas boas ou imbecis. O que importa é sempre fazer o melhor possível em tudo o que fizermos e sempre no sentido de construir uma escola melhor para nós mesmos e para os calouros que virão.

A FIMUSP precisa de todos e cada um de nós é importante aqui dentro, seja no Centro Acadêmico, no SHOW Medicina ou na Atlética (um não exclui o outro, pelo contrário, todos traduzem amor pela Faculdade...) para manter a Pinheiros

sendo, como sempre foi: A melhor do Brasil.

Órlando, diretor do Show

Conheça o MPB-MED

Para quem não sabe, o Coral MPB-MED foi fundado em 1978, subvencionado pelo CAOC, por iniciativa dos alunos da 66ª turma da Faculdade de Medicina USP, com o objetivo de desenvolver um repertório específico de Música Popular Brasileira, em arranjos preferencialmente inéditos que abrangem todas as épocas da nossa música, contribuindo desta forma para a ampliação do repertório coral brasileiro, sendo regido por Esmeralda Duzanowsky.

Próximos concertos do Coral MPB-MED desta Faculdade (2º Semestre 1.983).

OUTUBRO:
Dia 01/10/83 — 17 hs. — FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado)
Rua Alagoas, 903

Dia 21/10/83 — 20 hs. — (Fundação Getúlio Vargas)
Av. 9 de julho, 2.029 (1º Festival de Corais da F.G.V.)

NOVEMBRO
Dia 05/11/83 — 5º Festival de

Corais das Escolas de Medicina — S.Paulo.

Dia 06/11/83 — 5º Festival de Corais das Escolas de Medicina — Sorocaba (Faculdade de Medicina de Sorocaba)

DEZEMBRO
Dia 04/12/83 — 16 hs. Museu dos Presépios (Ibirapuera)

A discoteca

Após um longo período de reformas, reposição de aparelhos e Discos "sumidos", enfim, um longo tempo em silêncio. A Discoteca volta a funcionar. Desta vez, com programação contante das 7:30 às 19:00, e na hora do almoço, quem faz a programação é você que está no CAOC.

Venha ver como ficou e ouvir sua música!

Temos mais de quinhentos discos para você ouvir e gravar, além de um lugar gostoso para você passar o tempo.

E mais:
Fazemos gravações "Piratas" de músicas populares, nacionais, estrangeiras e clássicas.
Tratar na Discoteca do CAOC na hora do almoço.

XV ECEM:

Um grande circo místico

Ilha do fundão, Junho de 83: no meio da chuva, banho frio e jantar que às vezes demorava, estava o circo e o ECEM acontecendo. Na abertura ao som de Moreira da Silva, a distinta platéia de estudantes de medicina caiu no samba. Era o ECEM começando bem.

Tecendo as manhãs as mesas redondas e painéis, destacando-se a mesa redonda sobre ensino médico: muita discussão sobre currículo (sempre na ordem do dia) e o pessoal da UFMG dando seu recado com muitas propostas pouco discutidas entre nós, como o internato rural, por exemplo.

Para quem é veterano de ECEM um problema na parte da tarde são os grupinhos de discussão. Este ano a pouca participação que vinha acontecendo desde Goiânia se repetiu. O que mudou um pouco foi o caráter destes grupos, cuja discussão não foi centrada nas mesas redondas da manhã mas sim em temas específicos. Os grupos de medicina comunitária e saúde mental se reuniram durante todo ECEM e deixaram um saldo positivo.

Nem só de discussão vive a tarde, e entre o sono e os murais livres, havia exposição de fotografia (sobre o Hospício de Barbacena), tai-chi-chuan, e apresentação de trabalhos científicos (o C de ECEM é de científico).

E o ato público? ECEM sem ato público não é ECEM. Há quem não goste, mas é um dos poucos momentos que o estudante grita a "UNE somos nós" e na verdade é um dos poucos momentos em que a UNE somos nós. E "a nossa força e nossa voz" seguiu pela Avenida Rio Branco na passeata dos 50 mil, desaguando na Cinelândia onde se deu o ato público que marcou no Rio de Janeiro o dia da greve geral dos trabalhadores.

A noite começava com os cursos, como todo ano, e com uma novidade que foi uma das melhores inovações deste

ECEM: os debates. Dois debates foram muito bons: um sobre maconha e outro sobre sexualidade. O primeiro tendo como debatedores Erlisando Carlini e João Breda e o segundo com Marta Suplicy, Rose Marie Muraro e Herbert Daniel. Ambos tiveram uma participação muito boa do público, quantitativamente falando.

O circo entrava noite adentro com apresentação do pessoal do circo, com show de rock, baile de gafieira, forró das Alagoas no saguão dos alojamentos e um fecho de ouro com a velha guarda da Portela e a bateria da mocidade independente de Padre Miguel. Especial: o Prata da Casa muito bonito. Desde o teatro com o pessoal do ABC em cima de um poema de Ferreira Gullar (a morte de Alberto da Silva) e um rapaz de Minas Gerais com um monólogo baseado num

conto de Guimarães Rosa (A terceira margem); passando pela poesia de Wilson Freire, de Pernambuco; e na música do pessoal de Petrópolis.

As madrugadas surgiam no Bar Bitúrico, geralmente depois de n cervejas ao som de Janis Joplin, e outros afins.

Saldo do ECEM: Além da vivência pessoal de cada um, pontos marcados na tirada de encontros regionais sobre saúde mental (que já deu frutos aqui no CAOC); um dia nacional de protesto dos estudantes de medicina (31/08/83) que se perdeu no tempo; e a realização de um seminário sobre ensino médico.

Isto é mais um retrato 3x4 de que um poster que mostrou o que foi e o que é o ECEM. Quem foi sabe como é. Quem não foi, o XVI ECEM vai ser em Porto Alegre ano que vem.

ETHEL 4.

O mistério dos tijolos

Era uma bonita casa. Construção forte, ativa, tradicional. Parecia, mesmo, uma fortaleza. Quem a contemplasse, teria a certeza de que resistiria eterna através dos tempos. Todos a conheciam e cultivavam um orgulho saudável, que muito justamente merecia.

Foi sofrendo algumas reformas. Ano entra, ano sai, trocavam-lhe alguns tijolos, consertavam-lhe umas telhas...

Um dia notaram que a casa demonstrava certa instabilidade, certa fraqueza. Ninguém deu conta e a vida continuava...

De repente, uma parede ruiu abaixo. Todos se preocuparam muito e foram ver o que havia provocado aquele

desastre. Foi uma espanto geral! — Não havia cimento, só tijolos!! Mas como é que alguém iria construir uma parede sem cimento?!

Finalmente compreenderam que, durante as pequenas reformas, os tijolos novos não eram unidos, não havia cimento entre eles. Chegou um momento em que a estrutura não mais suportou e ameaçava desabar completamente.

Refletindo no espelho deste exemplo, deveríamos tomar consciência e mudar nossa atitude, já que seríamos nada menos que os próprios "tijolos" desta Casa de Arnaldo. Acredito que ainda haja tempo...

Rogério M. — 4º ano

Nota triste

Quando foi mesmo que tudo começou? Foi com 71 pontos e uma nota alta de português, daí me deram um mundo novo de presente (novo?). Uma fase diferente de vida se iniciava, um grupo diverso de pessoas passou a me cercar (ou me cercar delas?), muitas coisas aprendi (decorei?) e o tempo passou: vem a primeira prova e depois a dúvida: e a nota? e a nota? E vem a segunda prova, e a nota? e a nota? parece que não acaba nunca, mais uma, menos um, resolução. Assim passa, mas e a vida que também passa, que nota tem levado?

UDI

CREAÇÕES MASCULINAS "FRANTON"

Artigos Finos para Cavalheiros, Roupas Brancas para Médicos e Enfermeiras. Aventais, Jalecos e Sapatos Brancos.

Rua Teodoro Sampaio, 340 - Pinheiros - Fone: 64-6814 São Paulo

Nós fazemos aniversário

Venha comemorar no "Grande Forró" os 70 anos do CAOC.

Sábado, dia 01 de outubro, no estacionamento da FMUSP.

Um desagravo ao resgate da liberdade

1911 — Jardins de Viena — um bando de crianças dramatiza histórias. Elas expressam suas fantasias, medos e desejos. Com elas uma pessoa, MORENO; ele as estimula, provoca, brinca, enfim JOGA com elas.

1983 — Jardins da FMUSP — tarde de setembro, um bando de jovens trajando-se de forma leve, descontraída e de modo semelhante (o estereótipo será proposital?) joga com as pessoas que ali estão, os valores de uma instituição, instituição esta de valores mais fixos, impossível.

Viena — Comentários da população. — Esse Dr. Moreno deve ser louco! — Que tipo de coisa mais estranha faz com as crianças! É preciso fazer algo para evitar que ele as corrompa! FMUSP — Comentários sorrateiros ao pé do (meu) ouvido:

— Esse pessoal está precisando ter uma consulta com você... você, faça algo? O tom dos comentários? jocoso, mordaz e irreverente.

Viena — As pressões foram muitas, a dramatização com as crianças mudou-se para o interior do teatro. Palco/platéia... e o jogo? a criatividade? a mesma, porém em outro, ou texto — estava criado o TEATRO DA ESPONTANEIDADE.

Ainda assim as pressões existiam; os ciúmes e os brios feridos dos atores da época... e o teatro da espontaneidade precisou institucionalizar-se, nasceu o PSICODRAMA — o palco/platéia não mais existe, o drama é de todos porém com a proteção das paredes do consultório ou do isolamento do hospital. Agora somente neste espaço as emoções a "loucura" e a loucura sem aspas podem aparecer.

FMUSP — A curiosidade aumenta quando levarão a peça? em teatro (do CAOC?, tão desconfortável!) deverão apresentar-se?

É, pessoal do GTM — vossa sina é o palco, luzes, contra-regras e script como mandam os livros que nos ensinam como fazer teatro. Nele sim, é permitido mostrar, criticar e contestar e a platéia confortavelmente acomodada em suas poltronas os aplaudirá e irão embora com a alma lavada em sua catarse.

Pois é! a utopia de Moreno fez-me um estudioso de um método a ponto de existir o pomposo título de PSICODRAMATISTA e a utopia (permitamne) GTMana mobilizou-se a colocar no papel tudo isto que pulsa em meu interior.

Numa permite-se através do drama (ação) partir de uma representação interna fixa e cristalizada para uma revolução criadora interna e externa onde ao homem é permitido escolher e ser escolhido e a lutar pelo que pensa e acredita. Na outra o drama, enquanto ação um texto ou contexto atinge-nos de tal forma que alguma atitude tomamos — ficamos paralisados, criticamos, jogamos reprimimos (ou delegamos a alguém que o faça) e em algumas pessoas as fazem pensar.

Ao GTM presto minha modesta homenagem; vocês estão a caminho de uma revolução, no mínimo aquela interior, nem por isso menos criadora e dão o seu recado a um mundo que considera loucos e subversivos aqueles que pensam, reúnem, desejam e lutam por manifestá-los.

Ricardo (Nero)

Médico Assistente da Psiquiatria do HC

O Bisturi

I encontro dos estudantes interessados em saúde mental

No último ECEM (julho/RJ) o grupo de discussão de Saúde Mental dividiu as escolas presentes em regiões geográficas, sendo que cada uma das áreas se propôs a promover um encontro regional de estudantes interessados em Saúde Mental.

Assim, foi realizado nos dias 27 e 28/08 o I Encontro dessa natureza na Região Sudeste, em S. Paulo, no CAOC. Participaram dos debates alunos das seguintes escolas: UFRJ, UFF, Gama Filho, Uberaba, UNESP Botucatu, USP-Rib. Preto, Unicamp, PUC-Sorocaba, Med. ABC, Sta. Casa, OSEC, Esc. Paulista, MED. USP. No sábado pela manhã foi discutido a realidade da assistência em SM em SP e compareceram como debatedores: Wilhelm Kenzler, Adalberto Lamerato e Roberto Coelho. Constatou-se que o atual sistema de assistência é centrado no esquema hospitalar sendo que 90% da verba destinada a esse setor pela Secretaria da Saúde do Estado é dirigida à manutenção deste tipo de atendimento. Em relação ao INAMPS nota-se que ele reforça a hospitalização da assistência e desestimula o atendimento ambulatorial. O hospital mostrou-se como uma instituição cristalizada e autoritária tendo mais a finalidade de exílio e confinamento do doente mental do que a função terapêutica.

No sábado à tarde o tema foi Alternativas à

atual realidade de assistência psiquiátrica. Esta parte contou com a exposição de várias experiências que estão sendo levadas em São Paulo.

1 — Atenção à psicóticos em Centro de Saúde por Sílvia, representando Ana M.P. Hoisel. Em linhas gerais, foram reflexões de uma equipe multiprofissional que se ocupa há 4 anos do atendimento à psicóticos e suas famílias.

2 — Alcoolismo e tratamento ambulatorial por Cleusa M. Borges Castilho. O CSE do Butantã vem experimentando um programa de atendimento partindo e valorizando o polo não alcoólatra da família, na maioria dos casos, as esposas dos alcoólatras.

3 — Um estudo de S.M. em trabalhadores industriais de Cubatão por Edith Seligmann Silva.

Pelo serviço de interconsultas do H.C. da FMUSP, a Dra. Laura fez uma exposição de como funciona esse serviço. Um grupo de psiquiatras, através de sua visitaçào, trabalha no hospital geral auxiliando o clínico no relacionamento com o paciente neurótico ou psicótico, ou mesmo orientando a relação médico-paciente.

Em seguida, houve a exposição de um trabalho que está sendo levado no H.C. da

FMUSP por uma equipe multidisciplinar, (psiquiatra, terapeuta ocupacional, psicólogo, assistente social e enfermeiro), que está procurando promover a discussão dos problemas comuns dos internos do Instituto de Psiquiatria. A prática inclui a produção de um jornal, equipe de ginástica, trabalhos manuais.

No domingo pela manhã discutiu-se o Ensino de SM dentro da faculdade de medicina. O debate iniciou-se com a colocação do Prof. Paulo Vaz de Arruda sobre o impacto, na vida do estudante de medicina, que são o contato com a morte e o total despreparo para encarar a relação médico-paciente. Para lidar com tais conflitos o Prof. Anibal Mezer propôs a psicoterapia institucionalizada dentro da escola. Esta colocação foi muito discutida.

Wilhelm Kenzler citou também uma tentativa, ocorrida no OSEC, de introdução de uma nova dinâmica de ensino que visava a horizontalidade da relação professor-aluno e maior contato do estudante de medicina com a comunidade.

O Prof. Paulo apresentou duas propostas que visam a assistência psicológica para o estudante, através de um serviço da escola desde o primeiro ano, e um esquema de tutoria psicopedagógica, onde professores e alunos, por grupos,

discutiriam os problemas do dia a dia do estudante de medicina.

No domingo à tarde ao discutir a SM do estudante de medicina ressaltamos a crise do estudante de medicina no início do curso, dada a disparidade entre a nossa expectativa de medicina e o que era dado nos cursos, o enfoque teórico e acadêmico, a estrutura autoritária dos cursos que impossibilita a influência do aluno na dinâmica do curso. Percebemos que era importante considerar os problemas da relação aluno-aluno que está repleta também de autoritarismo que se cristaliza na exaltação do individualismo e competição. Nesse contexto foram comentadas as alternativas encontradas por nós a esses conflitos, surgindo o movimento estudantil, o teatro, a dança ou a música como novo código onde seria possível a livre expressão.

Como se vê, o encontro foi rico em debate e colocações porém, notamos que é necessário aprofundar-se essas questões através de um contato mais estreito com a realidade das instituições e uma maior interação com os setores mais progressistas no campo da SM.

Nosso grupo, atualmente, é composto de alunos da FMUSP, da Faculdade de Medicina do ABC e da Escola Paulista. Toda participação no sentido de ampliar nossa discussão e atuação será bem-vinda.

A liga de combate à epilepsia

É um prazer voltar a escrever para "O Bisturi", do qual fomos redator há anos passados (porque não dizer décadas...). Nossa volta se prende ao auspicioso projeto de criação de mais uma Liga no rol das já existentes no C.A.O.C., agora a **Liga de Combate à Epilepsia**. Tal idéia nasceu no seio da atual diretoria do Centro Acadêmico, e a nos ser comunicada, sentimos renascer dentro de nós, todo aquele idealismo que nos animava quando também membros dessa diretoria em 1957. O mesmo idealismo jovem de todos vocês, e que tanto bem nos faz ao mais velhos.

A idéia aí esta e só nos falta agora quem a execute. A Liga Brasileira de Epilepsia filiada à "International League Against Epilepsy" está pronta a fornecer todo o apoio necessário e esse empreendimento, através do Capítulo de São Paulo.

A Epilepsia, esse mal que afinge cerca de 2% da população (cerca de 2 milhões e meio de brasileiros são epiléticos), constitui-se num dos instrumentos mais completos, que a Medicina possui, para estudar o funcionamento do cérebro do homem. Tanto do ponto de vista neurológico, neurocirúrgico, psiquiátrico, psicológico, psicofisiológico ou psicossocial, ela representa um dos sintomas mais importantes em neurologia e psiquiatria, pois, o cérebro do epilético com lesões focais o generalizadas, torna-se uma verdadeira "preparação laboratorial falante", que diferentemente do animal, pode nos informar sobre suas sensações, emoções, sentimentos, afetividade, sofrimento e pensamento, quando perguntado. Muitas vezes nos esquecemos de que as emoções e os pensamentos não acontecem no vácuo de nosso psiquismo, mas é necessário um suporte material para o seu processamento no caso o cérebro, órgão cujo estudo tem sido negligenciado pelas escolas médicas da atualidade. Pois bem, não são só as convulsões que ocorrem num epilético. As quedas e perdas de consciência são apenas parte dos seus problemas. Há muitos tipos de Epilepsia: motoras, sensoriais límbicas, parciais, generalizadas, etc...

Tantas quantas são as diferentes áreas que compõem o cérebro. As manifestações ictais podem ser visuais, auditivas, sensoriais, emocionais, psiquiátricas e assim por diante. É como se a patologia quisesse ilustrar a anatomia, a fisiologia e todas as funções superiores do cérebro. E agora, uma triste revelação: a grande maioria desses pacientes mais de 80%, poderiam estar livres desses problemas com simples associações medicamentosas: sob perfeito controle, sem crises funestas e de repercussão social, assim como o diabético que toma sua insulina é um ser normal no ambiente em que vive. Entretanto, isso não acontece em nosso meio. E... Porquê? perguntarão meus jovens colegas... Simplesmente porque grande parte dos facultativos que medicam os epiléticos em todo o país, ignoram a farmacologia dos medicamentos de que se utilizam. Não foram suficientemente treinados para conhecer o seu modo de ação, níveis sanguíneos, tempo de eliminação, antagonismos de associação, ou indicações dessas diferentes drogas nos vários tipos de Epilepsias. E mais, desconhecem também o fato de que mais de 10% desses pacientes podem ser grandemente melhorados e até curados por intervenções neurocirúrgicas, que removem os focos convulsígenos cerebrais ou impedem a generalização das crises que acarretam as perdas de consciência.

O objetivo dessa nova Liga, já que estamos falando de consciência, seria conscientizar a população, as famílias e os pacientes sobre esses problemas, de vez que ainda não conseguimos fazê-lo a nível dos médicos.

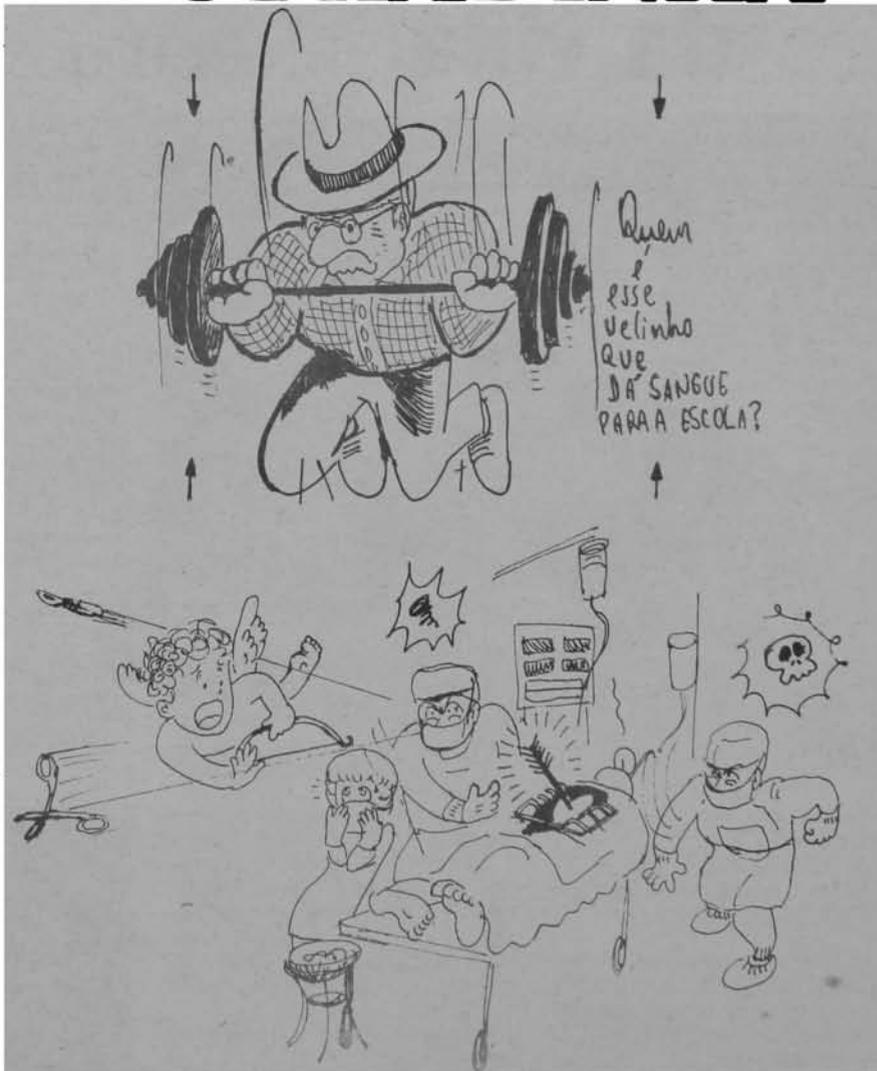
O Capítulo de São Paulo, da Liga Brasileira de Epilepsia, vem encorajando a fundação de Divisões Seccionais, de acordo com seus estatutos, nas principais cidades do interior junto às Faculdades de Medicina. Novos sub-capítulos já estão sendo organizados junto às Faculdades de Botucatu, Ribeirão Preto e Sorocaba. Auguramos agora nossos melhores votos de sucesso a esse novo núcleo de estudos que ora se forma no seio da F.M.U.S.P.: a Liga de Combate à Epilepsia do C.A.O.C.!

Prof. Dr. Raul Marino *

Prof. do Depto da Neuropsiquiatria da FMUSP e Presidente da Liga Brasileira de Epilepsia.

O Bisturi

DOBRA DINHA



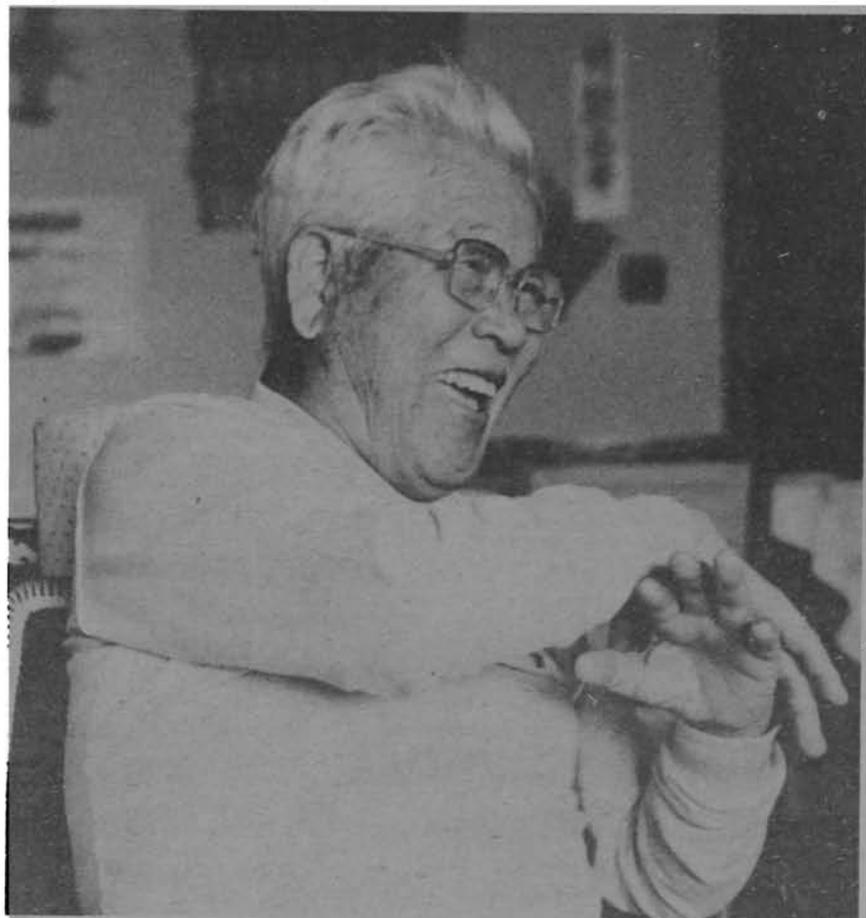
Interblanc

Vestuário completo para os profissionais de branco — 40% abaixo do preço de mercado

Vendas: Centro Acadêmico Osvaldo Cruz Hospital das Clínicas ou no Tel.: 227-9401

PROF. SATO

A água como substrato da vida



Ainda está escuro. São quase seis horas da manhã. Uma névoa fina ainda cobre o campo de futebol. Os primeiros passarinhos cantam. Estamos na Atlética.

No meio deste cenário de contornos ainda não muito bem delineados, surge a figura pequena e forte de um homem — japonês — com 83 anos de idade.

Os alunos chegam, pouco a pouco, com cara de sono. São poucos, mas entusiasmados. Começa a aula de natação do Prof. Sato.

Nadar — para a maioria das pessoas um excelente exercício,

completo, que movimentava todos os músculos, expande a caixa torácica.

Aqui, junto à piscina da Atlética, este verbo assume um significado mais profundo, mais intenso, mais vivo.

Nadar, conforme ensina este samurai moderno, é um exercício de poesia.

Ele mesmo se auto-define: um poeta.

Poeta da água.

Zen-budista, ele não ensina a nadar.

(“Não posso explicar o gosto da sardinha. Você tem que comê-la para saber”). Apenas orienta o

aluno no contato direto com a água.

A natação como reflexo da vida. O equilíbrio na água é também equilíbrio interior. A piscina é a realidade onde o homem mergulha cotidianamente.

Um pedagogo-educador: seus antigos alunos já perceberam isto quando lhe dedicaram o busto que fica ao lado da piscina e onde se lê: “ao Prof. Sato, um educador, com sabedoria e amor” A água é o substrato da sua pedagogia.

Esse modo tão diferente e original de encarar o aprendizado e a prática da natação tem algo de fascinante: inúmeras pessoas que morrem de medo da água aprendem a nadar em poucas semanas.

“A natação como reflexo da vida. O equilíbrio na água é também equilíbrio interior.”



A horizontalidade da relação professor-aluno (“Não tenho alunos. Tenho amigos e amigas”), coloca aquele que aprende tão à vontade que, na realidade deixa de existir a divisão de papéis: este ensina, aquele aprende. Ambos aprendem juntos, do zero.

— Muitos dos alunos da FMUSP não conhecem este verdadeiro mestre, alguns o conhecem de ouvir falar, poucos e conhecem da piscina da Atlética, pouquíssimos são seus alunos.

Poucos aqui sabem que ele foi treinador da MAC-MED durante 35 anos. Ou que ele ensinou natação a várias gerações (o prof. Charles Corbett foi seu aluno), desde a década de 30, treinando também as equipes do antigo clube germânia (atual Pinheiros) ou que ele foi campeão paulista de natação por 23 vezes consecutivas (como treinador), tendo coordenado tecnicamente este esporte a nível do Estado por mais de 10 anos e preparado os atletas que serviriam de base às equipes brasileiras de natação, pólo e saltos ornamentais em pelo menos duas olimpíadas.

Deixando a MAC-MED, o professor Sato continuou, entretanto, a ensinar na Atlética e até hoje, com disposição admirável, dá aulas para duas turmas (uma às 6 e outra às 7 da manhã), três vezes por semana (3ª, 5ª, 6ª).

Seria muito bom se mais gente da escola conhecesse este homem, aprendesse com ele. Quem sabe a gente pudesse atravessar com maior equilíbrio as águas turvas desse nosso curso de graduação.

Waguito 5º ano